

Narrativas Ilegíveis: A Poética Autobiográfica de Lyn Hejinian

Jorge Correia Orfão¹

Language is one of the principal forms our curiosity takes. The language of poetry is a language of inquiry. Poetry takes as its premise that language (all language) is a medium for experiencing experience. It provides us with the consciousness of consciousness.

“Reason” *In: Language of Inquiry* (2000), Lyn Hejinian

A linguagem produz normas que, mesmo que alternativas, não deixam de ser construções sociais que definem a forma como o ser humano se relaciona com o mundo. Neste sentido, como impedir que as normas hegemónicas da linguagem nos venham a controlar? Como alterar os modelos de representação hegemónicos? Procurando responder a estas perguntas, entramos no espaço para o debate sobre o que se podem considerar narrativas ilegíveis. E que dizer quando essas narrativas pretendem ser ilegíveis? A este respeito, torna-se oportuno um olhar atento sobre a escrita poética, ensaísta e autobiográfica de Lyn Hejinian que, nessa vertente, compõe o seu livro intitulado *My Life* (2002). Nesta obra, a autora procura explorar o papel e a interferência da memória autobiográfica na própria capacidade cognitiva que a linguagem constitui. Procura-se aqui discutir as diferentes formas de utilização da linguagem em Hejinian, no seu esforço para se libertar das representações hegemónicas impostas pela memória.

Palavras-chave: cognição, linguagem, memória, poder, representação.

¹Aluno no Programa de Doutoramento em Discursos: Cultura, História e Sociedade no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Na mesma faculdade escreveu a sua tese de mestrado em Estudos Feministas com o título: *Masculinidades no Feminino: o caso transgénero de Tipton/Moody*.

I.

O nome de Lyn Hejinian associa-se ao grupo de poetas da *L=A=N=G=U=A=G=E School*, um grupo que emergiu em meados da década de 1970, nos EUA, e que procura distanciar-se das formas de escrita convencionais. Este grupo critica a tendência das instituições que, através da imposição de estruturas e sistemas, estabelecem arranjos linguísticos fixos e normativos. Apela à criação de novas formas de pensar a sociedade contra as diferentes categorizações discursivas dominantes que, no seu entender, se tornam instrumentos de disciplinarização e de imposição de um pensamento hegemónico. Numa entrevista, intitulada “Material (for Dubravka Djuric)” (2000),² Hejinian explica que ao contrário da poética fundamentada pela *L=A=N=G=U=A=G=E School* até os/as ditos/as poetas da resistência apresentam uma escrita que, na prática, é apolítica face às condições e exigências históricas e culturais da sociedade (*MDD*: 174). Hejinian desvenda o impacto que uma carta, escrita por Jack Spicer destinada a Robin Blaser, exerceu na sua carreira literária destacando-se da entrevista o seguinte:

The trick naturally is what Duncan learned years ago and tried to teach us – not to search for the perfect poem but to let your way of writing of the moment go along its own paths, explore and retreat but never be fully realized (confined) within the boundaries of one poem. [...] Poems should echo and reecho against each other. They should create resonances. (*MDD*: 168)

A escrita poética que aqui se propõe seria como se, ao explorar uma cidade desconhecida, ignorássemos o mapa ou um trajeto indicado por alguém [*“to let your way of writing of the moment go along its own paths”*], antes nos deixando levar pelo nosso instinto [*“to never be fully realized (confined) within the boundaries of one poem”*]. Em cada passo dado poderia surgir uma inesperada descoberta, tornando-nos assim mais ricos no que toca ao conhecimento tanto de vivências como de experiências locais e, mais

²Esta entrevista, doravante referida como *MDD*, encontra-se publicada na coletânea de ensaios de Lyn Hejinian, intitulada *The Language of Inquiry* (2000).

importante, apontando para coisas outras que ainda não desvendámos ou conseguimos conceber [*“They should create resonances.”*].

Torna-se explícita a rejeição da noção convencional e hegemónica da linguagem por parte da *L=A=N=G=U=A=G=E School* através da renúncia a um processo de escrita poética fundamentada em sistemas de regras sintáticas e lógicas. Estes sistemas fechados pretendem dar um significado totalizado ao ser humano e ao seu meio envolvente (*MDD*: 170). Antes de entrar propriamente no debate sobre a obra de Lyn Hejinian e tentar compreender as influências da escrita poética da *L=A=N=G=U=A=G=E School*, há que apresentar mais algum do pensamento que subjaz a esta escola de poetas. Charles Bernstein, um dos grandes mentores da *L=A=N=G=U=A=G=E School*, afirma que a linguagem tem uma natureza politópica e se faz na “cacofonia magnífica de corpos diferentes produzindo sons diferentes” (Bernstein, 1997: 101). O teórico e poeta defende que “são as ideias pluralistas que estão na base de um multiculturalismo ideal; a imagem de poetas de comunidades diferentes que leem a obra uns dos outros e que trabalham com o intuito de se manter abertos às transformações em todos os quadrantes do espectro poético” (*Ibid.* 105). Bernstein evidencia a recusa implícita “de unidade que resulta da nossa prodigiosa e magnânima efusão de palavras”, antes defendendo uma “poesia que insiste em seguir o seu próprio caminho, em encontrar as suas próprias medidas, desenhando os mapas de mundos que, de outro modo, ficariam escondidos ou seriam recusados ou que, ainda de outro modo, nunca teriam existido” (*Ibid.* 102).

Note-se que esta forma de considerar o discurso poético como discurso emancipatório nada tem a ver com aquilo a que nos habituámos a chamar de “poesia empenhada” ou de “resistência”. Apenas como exemplo, veja-se como uma poeta colombiana, representante da poesia “empenhada” / de resistência”, Mercedes Carranza, se refere à função do poeta: “[...] o poeta é aquele que fala de paraísos perdidos ou de paraísos por chegar ou que nunca chegarão e a sua soberba criação bem pode servir absolutamente para nada, porque, no fim de contas, a única coisa que ele faz é atirar palavras ao vento.” (Carranza, 1997: 124). A poeta vislumbra uma “verdade moral” em nome de um “nós, colombianos” (*Ibid.* 124), o que entra em conflito com a problemática do ato de nomear discutido por Charles Bernstein, pois “nomear nunca é um ato no singular; o que se nomeia uma vez pode já não existir quando esse nome for repetido” (Bernstein, 1997: 108-109). O autor transmite a ideia de que, ao contrário da “epifania bem-escrita da métrica previsível”, a poesia é um ofício que pode “rachar ao meio o

processo premeditado de des-realização social” (*Ibid.* 103-104). O processo de “des-realização social” é levado a efeito através de mecanismos de controlo sociopolíticos que persistem na naturalização das normas convencionais, e isso acontece através da regulamentação da linguagem, obstruindo o livre arbítrio das diferentes manifestações – privadas e públicas – do ser humano. Trata-se, tal como Bernstein refere, de um processo premeditado.

Porque se tende, então, a associar a escrita poética a academismos e/ou a regras impostas? Torna-se pertinente lembrar o pensamento de Michel Foucault, que procurou desvendar como as instituições sociais e hegemónicas se organizam e como estas moldam os meios pelos quais o ser humano se disciplina e se torna inteligível segundo a norma social instituída de um determinado tempo e espaço históricos. As reflexões foucaultianas sugerem que são os próprios discursos que criam as condições de conhecimento humano, significando que os discursos funcionam como uma espécie de vigilância social e/ou poder regulatório sobre o ser humano (Foucault, 1997). Mesmo no espaço dos estudos multiculturalistas, considera Charles Bernstein, a tendência “é que as obras selecionadas para representar a diversidade cultural são as que começam por aceitar o modelo de representação da cultura dominante” (Bernstein, 1997: 106). Para que seja possível “rachar a meio” os modelos de representação da cultura dominante, os membros da *L=A=N=G=U=A=G=E School* propõem formas discursivas desbalizadas e inovadoras. Na procura de novas formas de escrita não seguindo as regras clássicas e tradicionais, podemos torná-la mais interessante, empolgante e desafiante porque está inclinada para a busca de caminhos desconhecidos sem pretensões associadas a uma forma de escrever bem.

Um outro pensador, muito importante para o grupo da *L=A=N=G=U=A=G=E School*, Jean-Jacques Lecercle aponta, além da materialidade inerente ao ser humano na sua relação com a sociedade, para uma outra materialidade, que é a da própria linguagem (Lecercle, 1990). Na linha de Michel Foucault, a teoria da violência da linguagem apresentada pelo Lecercle reforça a ideia de que é através da linguagem que se naturalizam as convenções sociopolíticas impostas pelas instituições dominantes da sociedade: “[...] *the precise state of the mixture with in the literally understood ‘bodypolitic’: their attractions and repulsions sympathies and antipathies, alloys and penetrations [...]*” (*Ibid.* 226-227). Este tipo de regulamentação hegemónica da sociedade dificulta uma evidência: a de que a linguagem é um processo dentro do qual o crucial é

desenvolver capacidades cognitivas para o seu uso na sociedade em harmonia com as suas metamorfoses temporais e/ou espaciais; por outras palavras, pede-se uma utilização da linguagem em que o seu carácter politópico não seja constrangido.

O que a *L=A=N=G=U=A=G=E School* pretende é chegar não ao que o/a poeta diz que sabe, mas antes ao/a poeta que vai à procura de aquilo que para si é desconhecido. Aliás, será quem com a linguagem interpela e faz da escrita poética um elemento ativo na descoberta de alternativas àquilo que se denomina “verdade”, questionando a existência do que é tomado como um facto e formando premissas que levem a avistar outras opções. Tentando explorar formas e caminhos alternativos, tendo em conta as restrições normativas impostas e tomadas como “verdades”, surgem formas muitas vezes mais efetivas porque mais próximas de públicos mais vastos. Exatamente por estes públicos se reverem e se interessarem por aquilo que não é norma ou convenção imposta pelos sistemas sociais hegemónicos. Procede-se, neste sentido, a uma reflexão cuidadosa sobre os processos de legitimação envolvidos na escrita convencional, atendendo, lado a lado, a um estudo aprofundado da convenção e da autoridade vistas como construções sociais e históricas que “podem, e devem, servir pela vontade da *polis* e não pelo direito divino dos reis ou do poder económico do Capital” (Bernstein, 1997: 115).

II.

Na sombra dos pressupostos literários da *L=A=N=G=U=A=G=E School* está a teoria poética do “verso projetivo” [*projective verse*] de Charles Olson. A teoria do “verso projetivo” consiste na composição poética a partir da respiração e desta vinculação aos processos cognitivos do ser humano; trata-se de uma escrita que rejeita uma poética alicerçada em regras métricas e rítmicas que limitam a escrita do/a poeta (Olson, 2009). Olson propõe que o processo de escrita poética deve ser análogo ao processo de respiração humana. Em defesa de uma escrita poética libertada das convenções reguladoras impostas pelas instituições académicas, Olson formula as seguintes perguntas: “*Is it anything but the LINE? And when the line has, is, a deadness, is it not a heart which has gone lazy, is it not, suddenly, slow things, similes, say, adjectives, or such, that we are bored by?*” (*Ibid.*). Estas questões paradigmáticas do autor direcionam o/a poeta para um processo de escrita denominado “composição por campo” [*composition by field*]. Este processo de escrita é visto como um campo aberto que, tal como o ser humano e a sociedade, é uma

escrita em permanente movimento e mutação. Esta forma de composição poética é libertada das convenções de escrita tradicionais, possibilitando a harmonização das inconstâncias e das variabilidades discursivas. A escrita poética preconizada pelo Olson incita a uma transmissão mais fidedigna da essência natural da experiência humana constituída e manifestada pela linguagem na própria respiração e/ou na projeção do campo.

Na tentativa de apresentar as dinâmicas envolvidas neste tipo de escrita visto como um campo aberto, em “The Rejection of Closure” (2000),³ Lyn Hejinian descreve o que entende por “texto aberto” [“*open text*”]. Em conformidade com Charles Olson, a autora explica que um “texto aberto” implica a anulação de qualquer tipo de autoridade sobre o público-leitor por parte de quem o escreve. Bem como desafia qualquer controlo despótico através de uma escrita generativa. É uma escrita que incita o/a leitor/a a participar na narrativa, estimulando uma atitude antidogmática e relativista perante “verdades absolutas” (RC: 42-43). Privilegia, por conseguinte, a coexistência de diversos planos de discurso de forma a possibilitar múltiplas leituras do texto (*Ibid.*). Os propósitos literários de Hejinian apontam para uma linguagem que se vê expressa e entendida distintamente por cada ser humano. Nesse sentido, demonstra-se a vulnerabilidade de factos empíricos inerentes a toda a linguagem que se pretende normativa.

Ao que tudo indica, o “texto aberto” apresentado pela Lyn Hejinian em *My Life* (2002)⁴ concede um distanciamento das normas e/ou das regras literárias associadas à escrita autobiográfica tradicional. A maneira como Hejinian enuncia a sua autobiografia poética facilita ao/à leitor/a o livre arbítrio de estipular como um evento autobiográfico leva ao próximo. Veja-se o seguinte excerto retirado da obra:

[...] I quote my mother’s mother’s mother’s mother’s mother: “I must every day correct some fault in my morality or talents and remember how short a time I have to live.” You must say she created her reality simply because she “would not have it, any other way.” It is hard to turn away from moving water. (*ML*: 49)

³Este ensaio, doravante referido como RC, encontra-se publicado em *The Language of Inquiry*.

⁴Doravante referida como *ML*.

A autora tende a citar e/ou parafrasear conversas que ao longo da vida foi tendo com outras pessoas [*“I quote my mother’s mother’s mother’s mother’s mother”*]. Estão explícitos, igualmente, os monólogos autoinstrutivos de Hejinian, os quais remetem para recordações associadas à sua infância [*“You must says he created her reality”*]. A autora recorre à combinação de frases soltas, frases estas alusivas às autorrepresentações apresentadas pela autora através de uma narrativa fluida e instintiva no discurso direto [*“It is hard to turn away from moving water”*].

A questão é, como já era para Gertrude Stein, de que modo manter a narrativa fluida como água que corre, acompanhando o processo do real. Tendo como exemplo as narrativas autobiográficas tradicionais, é frequente que se forneçam descrições na voz da primeira pessoa acerca da vida empírica de quem as escreve. Isto significa apresentar uma história de vida segundo factos objetivos como tal e qual aconteceram; uma história de vida retratada de acordo com uma organização cronológica fixa das experiências vivenciadas pelo/a autor/a da narrativa autobiográfica. No fundo, é como se uma autobiografia fosse um arranjo de diversas fotografias que contam uma história de vida. Por certo, quando algo e/ou alguém é fotografado, a fluidez inerente a tudo que é real na vida humana torna-se estática como quando se fotografam as ondas do mar, onde o movimento da água torna-se substancial e paralisado.

Linda Voris explica como Majorie Perloff apresenta uma teorização análoga às teorias fundamentadas pela *L=A=N=G=U=A=G=E School*, atestando como a “indecidibilidade da literalidade e do jogo livre” é o resultado da indeterminação de um texto (Voris, 2016: xx). Uma narrativa indeterminada é predisposta a convidar os/as leitores/as a participar na construção do seu significado (*Ibid.* xviii-xx) – similarmente ao “verso projetivo” de Charles Olson e ao “texto aberto” de Lyn Hejinian. O significado de uma narrativa deve depender da articulação e do desenvolvimento da composição textual em vez de estar alicerçada em conceções representativas (*Ibid.* xx-xxii). O estudo de Voris mostra como o significado de uma narrativa envolve o uso de propriedades fomentadas na utilização e na composição da linguagem; a narrativa é construída e animada sob um modelo pluralista da realidade que permite a fluidez, o movimento e a indeterminação da essência da vida empírica (*Ibid.* xxii-xxxvii). Ao contrário, a produção de uma narrativa conceptual limita-se ao que é comumente familiar e assenta nas teorias de representação que definem e determinam a vida empírica, suprimindo tudo aquilo que, teoricamente, é considerado absurdo e insólito.

Lyn Hejinian explica a Dubravka Djuric que a função operativa da composição poética em *My Life* consiste no uso da repetição e da permutação com o objetivo de enfatizar como as estruturas do pensamento humano são repercutidas e reconstruídas nas estruturas da linguagem (*MDD*: 166-167). Hejinian procura examinar como a linguagem se edifica e se manifesta nos processos mentais do ser humano. A autora recorre ao uso da repetição e da permutação para retratar as suas próprias funções mentais auto-observadas por ela, tais como, a crença, a criatividade, a emoção, a introspeção, a memória, a percepção, o raciocínio e o desejo. Nesta perspetiva, a poética autobiográfica de Hejinian é um campo aberto em virtude à subjetividade das diferentes representações sociais do ser humano, visto que, ecoando Gertrude Stein:

A person does rethink constantly, while at the same time the context for doing so is always changing. Certain “facts” (words or phrases) in a fixed vocabulary may be reiterated, but their practical effects and metaphysical implications differ from day to day, situation to situation. (*MDD*: 167)

A finalidade do trabalho literário apresentado em *My Life* é demonstrar como a linguagem veicula o caráter identitário do ser humano, expondo em simultâneo e de forma só aparentemente paradoxal, como a capacidade da linguagem nunca nos permite aceder de forma perfeita, transparente ou totalizada à singularidade da identidade e da vida de Lyn Hejinian.

Veja-se o seguinte excerto:

Words are not always adequate to the occasion, and my “probably” sounded hopeless. It’s real, why, so, it’s wrong. [...] Always infinity extends from any individual life, but eternity is limited between one’s birth and one’s death. Interpreting such combinations of events, and the sort of mysticism on which such interpretations are based is what gives coincidence its bad name. [...] The lives which I read seemed more real than my own, but I still seemed more real than the persons who had led them. (*ML*: 68-69)

Neste excerto, a autora desaprova o modelo de representação em que a linguagem é compreendida como sendo um produto que se aprende a usar de forma perfeita segundo

normas instituídas [*“Words are not always adequate to the occasion, and my “probably” sounded hopeless”*]. Não aceitando a linguagem como um artefacto regulador e controlador do ser humano e da sociedade, Hejinian procura evidenciar como a linguagem é um processo [*“infinity extends from any individual life”*] dentro do qual o ser humano se pode (auto-)representar de formas diferentes e de acordo com as suas constantes mutações [*“The lives which I read seemed more real than my own, but I still seemed more real than the persons who had led them”*]. Enquanto agente legitimador das características identitárias e cognitivas do ser humano, a linguagem desempenha o papel central nas (auto-)representações do mesmo.

A poética autobiográfica de Lyn Hejinian visa uma narrativa aberta, indeterminada e, eventualmente, tida como ilegível, atendendo a que se trata de uma linguagem que ultrapassa a imposição de barreiras que regulamentam a própria linguagem com a pretensão de naturalizar o ser humano e a sociedade. Numa outra entrevista de Hejinian cedida a Manuel Brito, intitulada “Comments for Manuel Brito” (2000),⁵ a autora refere-se a *My Life* da seguinte maneira:

[...] every paragraph (or poem) is preceded by a sentence or phrase; these get repeated (though sometimes in slightly altered form) here and there in later parts of the book, representing the recurrence that constitutes memory but also providing the recontextualization that it involves—memory recontextualizes what one thinks and what one knows. Meanwhile, conventional language is pervasive throughout the book. (CMB: 183-190)

Hejinian utiliza a sua memória autobiográfica aplicando uma linguagem poética não-convencional, não-linear e sem adesão a especificidades de tempo e/ou de espaço factuais. Portanto, a autora constrói uma narrativa aberta e indeterminada em dissidência com as convenções tradicionais da escrita autobiográfica. A problemática dos critérios convencionais de este tipo de escrita parte do domínio ficcional vigente em textos referenciais, tais como as autobiografias, as biografias, os diários, as histórias-de-vida, etc. Em textos referenciais pressupõe-se que aquilo que é tido como “verdadeiro” ou “falso” é normalmente premeditado pelas normas institucionais e hegemónicas.

⁵Esta entrevista, doravante referida como CMB, encontra-se publicada em *The Language of Inquiry*.

Eliot W. Eisner descreve como também na área da linguística, nomeadamente a partir dos trabalhos de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf,⁶ vários são os estudos que sublinham os traços sociais da linguagem nas suas funcionalidades e nos seus mecanismos (Eisner, 2002:50). De facto, a própria linguagem é o alicerce na criação e na instauração das estruturas sócio-cognitivas do ser humano. Eisner enfatiza como o ser humano é socialmente formatado para usar a linguagem em consonância com as exigências económicas, sociais e políticas do respetivo momento histórico: “*Language is constitutive of experience; it is not simply descriptive, and the way in which the world is parsed has significant value consequences for matters of educational practice.*”. (Ibid.)

O ser humano é um organismo em crescimento, cuja principal tarefa no processo de desenvolvimento social e individual é sobreviver dentro do seu meio ambiente (Ibid. 67-68). Como o meio ambiente nem sempre é hospitaleiro para o conforto, ou mesmo para a sobrevivência do organismo, surge espaço para a intervenção da cognição humana (Ibid.). A vida humana é considerada um processo evolutivo de adaptação construtiva, no qual se manifestam as capacidades mentais do ser humano mediante diferentes obstáculos de carácter biogenético e/ou sócio-cultural que, eventualmente, poderão surgir no decorrer de esse processo. As índoles social e cultural do ser humano funcionam como amplificadores mentais que possibilitam a expansão das suas capacidades de cooperação, por um lado, com as condições naturais do meio ambiente; por outro lado, com as normas sociopolíticas impostas pelo poder institucional hegemónico.

Karma Lochrie esclarece como também as reflexões de Adolphe Quetelet sobre o conceito de “tipo” ajudaram a fomentar na sociedade a ideia de “*l’homme moyen*” (Lochrie, 2005: 6-11). Lochrie explica que ao pesquisar o volume de 1827 da estatística legislativa francesa, Quetelet reparou na “[...] *regularity that seemed to govern even those acts outside the social order, such as crime and suicide [...]*” (Ibid. 7). Constatou-se que até mesmo os atos sociais considerados transgressivos seguem uma ordem universal, descoberta e descrita pela estatística normativa. Nas palavras de Lochrie: “*This social order, in turn, reflected a deep moral order and a divine plan, just as physical phenomena*

⁶Edward Sapir junto com o seu aluno Benjamin Lee Whorf desenvolveram a hipótese de que a linguagem domina o pensamento; e não o contrário. A hipótese de Sapir-Whorf sugere que o pensamento das diferentes pessoas varia consoante a cultura donde provêm e a língua materna que falam, partindo deste princípio para fundamentar a teoria do relativismo linguístico. São autores de grande importância também para Charles Olson e os membros da *L=A=N=G=U=A=G=E School*.

*statistically analyzed reveal regular patterns and consistencies.” (Ibid.). Neste sentido e partindo desta ideia queteletiana, a sociedade obedece a leis impostas ao “*homme moyen*” e regula-se por elas. A estatística do século XIX revolucionou a forma como era pensada a realidade humana, contribuindo para o desenvolvimento do conceito de “norma”. No que diz respeito a este conceito, Lochrie, ecoando Michel Foucault, reconhece que: “[...] *the norm is no longer just the most frequent segment of a distribution curve. It is also that which is the most desirable. Norms have become a way of life – have become normative [...]*” (Ibid. 9).*

Torna-se plausível afirmar que é através da apropriação de normas preestabelecidas nas culturas dominantes que se criam formas de expressão, práticas, atitudes e comportamentos, em que a atuação do ser humano se pode distanciar da respetiva cultura privilegiada ao mesmo tempo que se relaciona com ela. Em “Two Stein Talks” (2000),⁷ Lyn Hejinian oferece uma abordagem descritiva sobre os elos que interligam a linguagem, a sociedade e o ser humano:

The Industrial Revolution, along with the science that preceded it, had the effect of objectifying reality. Or perhaps it was the other way around; perhaps in the wake of industrialization and the technologies that made it possible, culture has increasingly assigned to the category of “reality” all (but only) those things which could be objectified. In any case, historically artistic realisms have assumed the existence of reality and posited it as the condition—circumstantial and particular—of lived life. (TST: 87)

O século XIX marcou o início das grandes discussões em torno da institucionalização do discurso científico em todas as áreas do conhecimento. É uma época fulcral para o desenvolvimento dos discursos convencionais e hegemónicos que, ainda hoje, continuam a contribuir para a instituição das normas sociais.

III.

Voltemos, pois, a *My Life*, reconhecendo que a obra traduz de formas visíveis uma relação com a poética autobiográfica apresentada em “Song of Myself” de Walt Whitman.

⁷Este ensaio, doravante referido como TST, encontra-se publicado em *The Language of Inquiry*.

Atente-se a que Whitman também problematizou a escrita poética e autobiográfica na sua relação entre a linguagem, o ser humano e a sociedade da sua época. Trata-se de um texto revolucionário por se distanciar radicalmente das convenções de escrita literária do século XIX. Whitman recorre à técnica do “verso livre” da mesma maneira que Lyn Hejinian procura repelir a natureza material dos poderes e das hierarquias da linguagem ao negociar formas alternativas de trabalhar a linguagem através do “texto aberto”. Whitman, logo no primeiro verso, anuncia a sua poética autobiográfica na voz narrativa da primeira pessoa: “*I celebrate myself, / And what I assume you shall assume, / For every atom belonging to me as good belongs to you. / I loafe and invite my soul, / I lean and loafe at my ease [...]*” (Whitman, 2004: 29). Whitman oferece uma (auto-)ilustração da sua identidade na relação com o mundo que o circunda.

Em comparação, repare-se na seguinte citação retirada da obra de Lyn Hejinian, cuja primeira edição tem 37 secções, tal como Walt Whitman declarava ter 37 anos no seu poema: “*I was afraid of my uncle with the wart on his nose, or of his jokes at our expense which were beyond me, and I was shy of my aunt’s deafness who was his sister-in-law and who had years earlier fallen into the habit of nodding, agreeably.*”(ML: 8). Tal como no poema de Whitman, a narrativa de Hejinian apresenta-se na voz da primeira pessoa, oferecendo imagens da identidade da autora na sua relação com a linguagem e a sociedade. Em vista disto e ponderando as conjeturas tradicionais da escrita autobiográfica, facilmente se poderia classificar *My Life* como apenas uma autobiografia. Recentemente, os diversos estudos teóricos sobre a escrita autobiográfica que se têm vindo a desenvolver na academia derrubam por completo uma qualquer visão simplista e até redutora sobre o que é o género autobiográfico. Contrariamente ao que se verifica na obra de Hejinian, a escrita autobiográfica tradicional requeria a definição de aspetos que se supunham factuais e objetivos, tais como, os espaços onde circula o/a protagonista da autobiografia e uma ordem cronológica dos eventos empíricos que a compõem.

De acordo com esta visão mais tradicional, seria apropriado considerar *My Life* uma obra autobiográfica? Na tentativa de definir a escrita autobiográfica, é particularmente auspicioso o trabalho teórico de Philippe Lejeune. O autor começa por examinar como as convenções tradicionais da escrita autobiográfica pressupõem que o/a autor/a, o/a narrador/a e o/a protagonista de uma autobiografia se colocam no mesmo plano, desenvolvendo-se uma narrativa “autodiegética”; isto é, uma narrativa na primeira pessoa (Lejeune, 1989: 5). O imbróglio surge no indício de que autobiografias escritas na

primeira pessoa podem não propriamente significar que o/a autor/a, o/a narrador/a e o/a protagonista sejam a mesma pessoa, podendo surgir autobiografias de acordo com uma narrativa “homodiegética” (*Ibid.* 6). Deslindando este paradigma, para Lejeune, é imprescindível fazer a distinção entre autobiografia e autobiografia romanceada. Apoiado nesta distinção enigmática, o autor faz uma abordagem aprofundada da relação entre a ficção e a não-ficção sob o argumento da fragilidade da fronteira que separa ambas estas categorias.

Supõe-se que uma autobiografia é concebida a partir de factos empíricos, ao passo que uma autobiografia romanceada está engendrada na imaginação fantasmática. Por um lado, uma autobiografia é uma tentativa assumida de representar a vida de quem a escreve; por outro lado, uma autobiografia romanceada pode muito bem representar essa mesma vida, introduzindo personagens que podem ser compostas por aspetos da identidade do/a autor/a sem demandas que correspondam diretamente à vida do/a mesmo/a. Quem escreve autobiografias segundo as convenções tradicionais pretende garantir uma narrativa de determinada vida empírica no seu estado mais autêntico possível. Assim sendo, tal como o biógrafo procura narrar a vida de outrem com a máxima precisão dos factos históricos, quem escreve uma autobiografia tem a responsabilidade de erigir um “pacto autobiográfico” ou um “pacto referencial” com o público-leitor (*Ibid.* 22).

A propósito deste “pacto autobiográfico/referencial”, Philippe Lejeune fornece a seguinte explicação:

The autobiographical pact is the affirmation in the text of this identity, referring back in the final analysis to the name of the *author* on the cover. The autobiographical pact comes in very diverse forms; but all of them demonstrate their intention to honor his/her *signature*. (*Ibid.* 14)

Este “pacto autobiográfico/referencial” depende da intencionalidade e da relação do/a autor/a com o/a leitor/a, a qual deliberadamente deve confirmar a qualidade da relação existente entre o/a autor/a, o/a narrador/a e o/a protagonista. O autor sugere que cabe a quem opta escrever autobiografias e/ou autobiografias romanceadas a responsabilidade de estabelecer o acima denominado “pacto” com o intuito de guiar a leitura do respetivo público-leitor. Em ambas as situações de escrita são testados os

limites entre as vertentes da ficção e da não-ficção ostensivamente estanques, apreendendo-se que, se a ficção pode ganhar traços da realidade, a realidade pode, da mesma forma, ganhar características ficcionais. Na teorização de Lejeune transparece – e, numa fase mais madura do seu trabalho, ao mesmo tempo problematiza – a ideia de que autobiografia e autobiografia romanceada são dois géneros literários distintos que partilham a hibridez das categorias de ficção e de não-ficção. São narrativas que habitualmente dão informações sobre eventos empíricos extrínsecos às respetivas histórias autobiográficas e, por isso, sujeitas a verificação por parte do público-leitor.

Similarmente, como bem assinala Paul De Man, a escrita autobiográfica é propensa a referências factuais muito parecida à escrita apresentada em textos científicos e históricos (De Man, 1979: 920). Numa primeira abordagem, De Man parece estar de acordo com a ideia de que textos referenciais, tendo como exemplo as autobiografias, implicam o denominado “pacto autobiográfico/referencial”. Porém, De Man interpela a tentativa de definir a escrita autobiográfica como sendo um género literário, apoiando-se no seguinte argumento:

By making autobiography into a genre, one elevates it above the literary status of mere reportage, chronicle, or memoir and give it a place, albeit a modest one, among the canonical hierarchies of the major literary genres. (*Ibid.* 919)

O autor questiona até que ponto as narrativas autobiográficas dependem de referencialidade factual estabelecida através de um “pacto autobiográfico/referencial”; ou se não será mais correto pensar que este tipo de narrativas dependem do grau da influência das exigências técnicas da linguagem associadas à escrita autobiográfica.

O estudo de Paul De Man sobre a escrita poética e autobiográfica de William Wordsworth expõe como o/a autor/a de uma autobiografia acaba por adquirir uma autoperceção da sua identidade, que acaba por ser fictícia e ilusória a partir do momento que a respetiva narrativa é condicionada pela linguagem metafórica (*Ibid.* 921). Segundo De Man, a escrita autobiográfica não se limita a um género literário, alegando que a produção autobiográfica está englobada em todos os géneros literários. De forma a sustentar esta alegação, a produção autobiográfica acontece no momento do processo de leitura de qualquer narrativa que permite uma relação de diferenciação e/ou de semelhança entre o/a autor/a e o/a leitor/a (*Ibid.* 921-922). A própria linguagem é sempre

uma metáfora na medida que o ser humano é inteiramente dependente da representação que a linguagem é: nela se sustenta e dentro dela se constrói (*Ibid.* 930).

A escrita autobiográfica e/ou poética apresentada por Lyn Hejinian procura justamente este tipo de revitalização, tentando explorar o papel e a interferência da memória na própria capacidade cognitiva. Hejinian opta por uma escrita que não segue a estética convencional que pretende ser capaz de representar toda e qualquer veracidade de factos. Em alternativa, a autora apresenta uma escrita poética autobiográfica multidirecional, usando a linguagem de forma a harmonizar a politópica inerente a cada identidade humana. Em *My Life*, Hejinian situa os contextos espaciais e temporais nas memórias alusivas a experiências do seu passado sem nunca especificar um espaço nem um tempo em que as mesmas ocorrem:

A pause, a rose, something on paper, in a nature scrapbook. What follows a strict chronology has no memory. For me, they must exist, the contents of that absent reality, the objects and occasions which now I reconsidered. (*ML*: 16)

A autora insurge-se contra a forma como a memória lhe impõe uma linguagem que condiciona a sua maneira de olhar tanto o mundo como a si própria [*“A pause, a rose, something on paper, in a nature scrapbook.”*]. Estabelece, desta forma, um *continuum* entre a memória das suas experiências do passado e a memória presente dessas mesmas experiências, reforçando a ideia de que a linguagem é sempre memória e memória de infinitas (auto-)representações.

Veja-se o resultado possível, segundo Lyn Hejinian:

The entomology of things on the page. Thinking back to my childhood, I remember others more clearly than myself, but when I think of more recent times, I begin to dominate my memories. I find myself there, with nothing to do, punctual, even ahead of time. [...] Rocking in the light, leviathan and mare whose waves are pups and fillies. Imagine: never to be unintelligible!?. (*ML*: 92)

Em *My Life*, a autora está permanentemente a jogar com o seu olhar de criança com uma quase ausência de memória ainda e com uma estranha dificuldade em entender formas de linguagem que a baralhavam nesse período pueril da sua vida [*“Thinking back to my childhood, I remember others more clearly than myself”*]; e o seu olhar de adulta já com memória adquirida de um outro tempo [*“when I think of more recent times, I begin to dominate my memories”*]. As abordagens de Hejinian colocam a memória autobiográfica num campo aberto, no qual se tornam viáveis tanto os múltiplos mecanismos da linguagem, como a variabilidade politópica dos processos narrativos da representação humana [*“never to be unintelligible”*].

Lyn Hejinian quase delinea uma ética sobre o papel da memória autobiográfica nas práticas e nos valores culturais associados à linguagem, ilustrando através da sua escrita poética como a memória humana se expressa e se representa a partir da linguagem, bem como constrói a nossa identidade. Assim, põe em prática – materializa – os processos em que a linguagem é sempre memória e memória de outras representações, questionando os modelos de (auto-)representação da cultura dominante. *My Life* é um perfeito exemplo do que se pode considerar uma narrativa ilegível, em que a autora por meio do “texto aberto” renuncia o conceito tradicional de linguagem. Esta autobiografia poética, unindo a circunstância de ir num sentido contrário, é igualmente uma oposição ao que está instaurado em termos discursivos, possibilitando alcançar públicos que podem até se rever na escrita da autora.

From there we watch what’s coming down, shut up, and watch the music. The ground makes its green but is bounded by the season. In the metaphor, life is landscape, and living it is a journey, for which one is provided with a limited amount of time, with which it is wise to be thrifty. (*ML*: 118)

Perante estas novas formas de abordar e dar forma às múltiplas dimensões do ser humano, torna-se possível anular todo e qualquer constrangimento à liberdade humana e encontrar uma linguagem emancipatória, abrindo-se o caminho para uma análise cuidada da construção das várias vertentes da condição de *ser* e de *estar* do ser humano [*“In the metaphor, life is landscape, and living it is a journey, for which one is provided with a limited amount of time, with which it is wise to be thrifty”*].

Referências bibliográficas

- Bernstein, Charles (1997). “A-poética”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 47. Fevereiro 1997. Tradução de Graça Capinha e Maria Irene Ramalho. Centro de Estudos Sociais de Coimbra. [pp. 101-122].
- Carranza, Mercedes (1997). “Alguém se Salva ao Escutar o Rouxinol”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 47. Fevereiro 1997. Tradução de Graça Capinha. Centro de Estudos Sociais de Coimbra. [pp. 123-126].
- De Man, Paul (1979). “Autobiography as De-facement”. *Modern Language Notes*, Vol. 94, Nº 5. Comparative Literature. The John Hopkins University Press. [pp. 919-930].
- Eisner, Elliot W. (1979). *The Educational Imagination – On the design and Evaluation of School Programs*. Upper Saddle River, New Jersey: Pearson Education, Inc.
- Foucault, Michel (1997). *A Ordem do Discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Lisboa: Relógio D’Água.
- Hejinian, Lyn (2000). *The Language of Inquiry*. Berkeley, Los Angeles/London: University of California Press.
- _____ (2002). *My Life*. Kobenhaven/Los Angeles: Green Integer.
- Lejeune, Philippe (1989). “The Autobiographical Pact”. *On Autobiography*. Minneapolis: University of Minnesota Press. [pp.3-30].
- Lochrie, Karma (2005). “Have We Ever Been Normal?”. *Heterosyncracies: Female Sexuality When Normal Wasn’t*. Minneapolis/London: Minnesota Press. [pp. 1-25].
- Olson, Charles (2009). “Projective Verse”. *Poetry Foundation*. Acedido em 10-01-2020 em: <https://www.poetryfoundation.org/articles/69406/projective-verse>.
- Vorris, Linda (2016). *The Composition of Sense in Gertrude Stein’s Landscape Writing*. Washington, District of Columbia: Palgrave Macmillan.
- Whitman, Walt (2004). *Leaves of Grass – First and “Death-Bed” Editions*. Edited with an Introduction and Notes by Karen. New York: Barnes & Noble Classics.